

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
16 de janeiro de 2026

THE LAST GANGSTER / 1937
(O Último Gangster)

Um filme de Edward Ludwig

Realização: Edward Ludwig / *Argumento:* John Lee Mahin, baseado numa história original de William Wellman e Robert Carson / *Produção:* Lou Ostrow (MGM) / *Direção de Fotografia:* William Daniels / *Montagem:* Ben Lewis / *Assistência de Realização:* Dolph Zimmer / *Som:* Douglas Shearer / *Música:* Edward Ward / *Direção Artística:* Cedric Gibbons, Daniel B. Cathcart (associado), Edwin B. Willis (associado) / *Guarda-roupa:* Adrian / *Efeitos Visuais:* Slavko Vorkapich / *Interpretações:* Edward G. Robinson (Joe Krozac), James Stewart (Paul North), Rose Stradner (Talya Krozac), Lionel Stander (“Curly”), Douglas Scott (Junior Krozac), John Carradine (Casper), Sidney Blackmer (Editor de Jornal), Grant Mitchell (diretor da prisão), Alan Baxter (Frankie ‘Acey’ Kyle), Frank Conroy (Sid Gorman), Louise Beavers (Gloria) / *Cópia:* 35 mm, a preto e branco, falado em inglês com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 81 minutos / *Estreia Mundial:* 12 de novembro, 1937 / *Estreia Nacional:* 29 de setembro, 1938 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: o presente filme não estava inicialmente programado no ciclo “O Trilho do Gato – William A. Wellman”, mas devido a um problema com a cópia do filme previsto para esta sessão, **Thunder Birds: Soldiers of the Air** (1942), e face à oportunidade de se exibir **The Last Gangster** (1937) numa cópia 35 mm de qualidade, optou-se por mostrar em substituição este título com história original coassinada por William Wellman e inspirada no caso de Al Capone.

Naquele que é um dos primeiros – se não mesmo o primeiro – estudo exaustivo da obra de William A. Wellman, simplesmente intitulado *William A. Wellman* (1983), Frank Thompson refere a rivalidade entre irmãos como um dos mais recorrentes temas da obra de “Wild” Bill. Nem de propósito, um tipo de antagonismo fraticida radica no coração de um drama como **The Public Enemy** (1931), um dos primeiros grandes sucessos sonoros de Wellman e também, de maneira decisiva, considerado o filme definidor do género ou do subgénero do *gangster movie*. **The Last Gangster**, um drama familiar (em que o eixo central é a relação pai-filho) ante uma guerra travada entre gangues e de um mafioso a braços com a justiça, segue-se a uma série de filmes “pre-code” envolvendo o submundo do crime, em que se destacam os “veículos” de algumas das suas atrizes favoritas, como por exemplo **Night Nurse** (1931) com “a” sua *star* mais cintilante, Barbara Stanwyck, e **Midnight Mary** (1933), com a incomparável – e bem “wellmaniana” – Loretta Young. Já para não falar, no lado masculino, de **The Hatchet Man** (1933), sobre as “Tong Wars” em curso na “Chinatown” de São Francisco, com Edward G. Robinson a interpretar um assassino a soldo chamado Wong.

The Last Gangster surge lateralmente a tudo isto, por ser já uma obra dos “late thirties”, quando o género ou subgénero já se havia consolidado, graças aos sucessos de **The Public Enemy** e de **Little Caesar** (1931), de Mervyn LeRoy, portanto, apoiado na afirmação no firmamento de Hollywood de dois rostos inesquecíveis: James Cagney e Edward G. Robinson. É uma obra algo lateral ao fenómeno dos *gangster movies*, pelo menos, aos seus anos pioneiros, mas também é relativamente periférica em relação à filmografia de Wellman, pois, de facto, não se trata de um filme por si realizado.

Como me relatou Frank Thompson, para efeitos da redação desta Folha de Sala, não há muitos casos destes, em que Wellman surge creditado noutro posto que não o de realizador. Um outro “filme lateral” à filmografia de Wellman será **Female** (1933), obra-prima do “pre-code”, com realização atribuída a Michael Curtiz, mas que contou com contributos de William Dieterle e do próprio Wellman, forçado a abandonar a produção por razões contratuais com a Warner. De resto, partilhou comigo Thompson, “certamente, ele trabalhou em vários filmes que foram posteriormente assinados por outros realizadores”. Talvez o nome de Wellman servisse de “carimbo”, ainda relevante à data de lançamento de **The Last Gangster**, por a ele se associar então e de maneira mais imediata – foi assim durante muito tempo e ainda será assim entre alguns cinéfilos ao dia de hoje – a realização do seminal **The Public Enemy**. Aliás, o filme desta sessão terá chegado a ser vendido comercialmente com o título “Another Public Enemy”.

A história, como é fácil de especular, tem tudo que ver com o grande caso judicial do princípio dos anos 30 e que tanta tinta fazia correr à época nos jornais, que, nem por acaso, são um elemento gráfico e conceptual neste filme, desde logo, nos seus magníficos créditos de abertura. Ao mesmo tempo, há a interpretação e a caracterização da personagem de Edward G. Robinson, Joe Krozac, uma espécie de “Little Napoleon” que, como diz o editor do jornal no filme, escreve a respetiva carreira política com o sangue dos seus rivais, canalizando-se, deste modo, a imagem de uma “personagem histórica” que ganhou a alcunha de “Scarface” na imprensa e no cinema (num dos filmes maiores do subgénero em apreço, realizado por Howard Hawks). Falo, pois claro, de Al Capone, um dos mais implacáveis mafiosos dos anos 20 e 30, detido não pelos rios de sangue que fez correr, mas por crimes de evasão fiscal que porventura (como Joe Krozac aqui) nem se deu conta de ter cometido.

Edward Ludwig, à época um realizador tarefeiro contratado pela MGM e em busca de afirmação, cuja obra mais popular seria rodada para a Republic Picture, **Wake of the Red Witch** (1948), com John Wayne e Gail Russell, pegou e transformou num filme esta história ensopada nas notícias do seu tempo. Pretendia-se também que tirasse partido do *star power* tanto de Edward G. Robinson como da debutante em Hollywood Rose Stradner, atriz austríaca que se casaria com Joseph L. Mankiewicz, mas que morreria tragicamente, pondo termo à vida, em 1958. **The Last Gangster** assinala, no próprio título, a ideia de “término”, com a personagem de Robinson retratada como um *gangster* “em recuperação”, quer dizer, cada vez mais consciente da sua própria culpa e cegueira moral. O arrogante mafioso aprende da forma mais dura as consequências de uma conduta regida pela vontade de poder e pela vingança. É um filme que assinala uma moralização da figura do *gangster*, como acontece noutros *gangster movies* tardios dos anos 30, sendo **Angels with Dirty Faces** (1938) de Michael Curtiz o mais emblemático a este nível.

Como o rufia sem aparentes escrúpulos interpretado por Wallace Beery em **Beggars of Life** (1928), evocando a obra-prima do mudo de Wellman, Robinson/Krozac entra a matar, como um criminoso cínico e ensimesmado, e termina morto, mas moralmente reabilitado. Descobre-se como ser humano entre seres humanos, após uma “luta de sombras” (vemo-las projetadas nas paredes de um beco ao invés dos corpos em ação), em que faz de tudo para salvar não o seu nome, mas a reputação do seu filho que beijara minutos antes pela primeira vez, após cumprir dez anos na prisão de alta segurança de Alcatraz. É a via do amor – para voltarmos a **Beggars of Life**, do “amor ao amor”, qual prisão que liberta – que redime o vilão e que, no fundo, confere a força trágica e poética a este filme que ainda principia seduzido pelo charme do bom velho “inimigo público”. Um amadurecido *gangster movie*.

Luís Mendonça